

O
PERFUME
DAS
FLORES
DO
MOACIR

CONTOS

CRÔNICAS

PENSAMENTOS...

VALMIR ZANELATO



DADOS TÉCNICOS

Capa e contracapa – Vanessa M. Zanelato

Diagramação – FOTOARTE

Endereço dos autores – Torres - RS –

CEP: 95.560-000 - Brasil

Dados de catalogação na publicação

Zanelato – Valmir

O PERFUME DAS FLORES DO MOACIR

---CONTOS- CRÔNICAS- PENSAMENTOS...---

1ª. Ed. – 05-2018

NLVZ – 20

Formatação de Capa – Foto Arte – Vanessa Zanelato

Direitos de publicação reservados a Valmir Zanelato.

É proibida a reprodução total ou parcial da obra sem o conhecimento prévio do autor aqui pelos poetas designado, de acordo com a lei nº 9.610 - 98 – Direitos Autorais.

Esta e demais obras do autor estão disponíveis em:

zanelatotorresrs@zanelato.com.br e:

www.clubedeautores.com.br Av. Barão do Rio

Branco 108- Torres- RS- Cep. 95560-000

Fone-51-36643941



INDICE

- 07- O PERFUME DAS FLORES DO MOACIR**
- 19- A CASA DO SEU SABINO**
- 23- A MINHA RÓSEA AMOREIRA**
- 26- A DECEPÇÃO DO ALCEBÍADES**
- 32- LEVANDO A VIDA EM FRENTE**
- 36- O MEU PÉ DE BANANEIRA**
- 40- O HOMEM QUE NÃO ENVELHECIA**
- 44- OS BONS DIAS DE OUTRORA**
- 52- EU SOU PARTE DAQUI**
- 57- O HOMEM VIDA DE GADO**
- 61- GERVASIO- “QUEM ACREDITA CRESCE”**
- 65- O SONHO EXISTE**
- 67- DE VOLTA AO MEU PASSADO**
- 75- O TEMPO**
- 78- O IDOSO E O CÃO**
- 81- O FÃ “Nº1”**
- 86- DA MINHA JANELA**
- 87- “PARA ELA”**
- 93- EM SÃO PAULO COM A “GAIDA”**
- 99- FILOSOFIA DE UM PAI**

O PERFUME DAS FLORES DO MOACIR

O Moacir desde muito cedo sempre fora um jovem bastante romântico. Escrevia poesias, recitava versos, e sozinho costumava ficar até mais de hora a cantar durante seus extensos momentos banho.

Desde adolescente, tinha uma idolatria mais do que especial pelas flores. Com isso desde muito cedo, tomado pelo encanto, onde quer que estivesse, ou condições tivesse ele, com todo o carinho principiava o arranjo de um canteiro, mesmo que ainda não muito amplo, e ali semeava ele as suas sementes.

O Moacir não tinha parada. Em não alongado tempo, do lugar onde se achava, saía, ia em frente, para mais adiante, porém de contínuo deixando para trás, nos locais por onde adviera, pequenas mudas floreias, que confiava e compreendia, depois do tempo próprio iriam elas florescerem, fazerem parte da vida, alegrar aqueles que por ali um dia haveriam de passar.

E logo lá na frente, jamais se enfadando, de contínuo adorando as suas flores, tornava igualmente, outra vez a fazer o mesmo de antes, amoldar novos canteiros, e neles semear com toda afeição e carinho, novas sementes de flores.

Este se tornara o ensejo da existência do Moacir. Encontrava-se quase que em todas as noites, e de contínuo em todos os seus dias, a semear e cultivar as suas flores. Todavia exclusivamente semeava e replantava aquelas que ele assim como a maior parte

dos que o cercavam, compreendiam constituírem as mais perfumosas, as mais admiráveis.

Não havia como errar. O Moacir com aspiração e prazer se achava a fazer aquilo que mais almejava, o que adorava, o que a sua alma comandava, o que ele incondicionalmente amava.

E foi aos poucos, que os muitos que o cingiam, acabaram ainda mais despertando para as belezas das suas flores, dos seus canteiros recheados e coloridos, com as mais lindas e resistentes flores, quanto ao tempo.

Os tempos foram acontecendo, o Moacir se fez um homem, e já bastante amadurecido, permanecia a disseminar e replantar as suas flores. E nessas ocasiões, depois de tantas e tantas vezes semear e replantar, acabou por muitos sendo conhecido. Muita gente já havia visto ou escutado falar dos seus floridos alfobres, das suas inigualáveis, formosas e majestosas flores. Tinha ele tantas flores durante a sua vida cultivado, que onde quer que ele fosse ou estivesse, de contínuo trazia em suas atitudes um buque, uma flor para alguma pessoa presentear, oferecer, isto a quem quer que fosse que a sua frente, lado ou onde quer se achasse. Os seus plantios, os seus florais, já eram experimentados por muita e muita gente.

Mesmo lá ao longe, do outro lado do grande rio que o separava do lugar onde todos o conheciam, da formosura das suas flores, outros também já se encontravam a saberem e a falar dos lindos alvitres,

que nativos eram de suas leiras, que por ele haviam sido cultivados.

Eu individualmente, ainda não conhecendo o Moacir pessoalmente, desde a muito, do momento em que peguei a me entender por gente, desde o albor da minha adolescência, quando pela primeira vez experimentei o aroma de uma das flores que por ele fora cultivada, não tive como contestar a sua fragrância e a magia da sua incomparável beleza.

E tinha mais, todos os meus amigos, conforme o modismo que se tinha inserido adentro do coração, do íntimo de cada um deles, e posso ainda assegurar com toda a confiança que milhares de outras pessoas que eu não conhecia, igual adoravam, amavam, sendo que mesmo afastadas de onde o Moacir se achava, das suas sementes, das suas flores tinham encerrado e plantado uma muda dentro de si.

O Moacir, sem que ele mesmo se desse conta da importância das sementes que havia lavrado, dos floreias que dos frutos haviam germinados, e das outras sementes que dessas flores tinham abrolhados, que tinham como que ao vento acabado por se minarem, indo para muitos outros distantes lugares, além, cada vez mais longe, e não tendo como milhares de pessoas aceitarem de as conhecerem , de as replantarem, e assim como ele curtir e admirar, sentir o seu exalar, em boa parte do mundo acabou através dessas suas flores ficando conhecido, reconhecido e adorado, mesmo com sua despreziosa maneira de a todos com sua mágica flores a muitos se doar.

Mas, “como tudo o que é bom também tem um fim”, como diz um velho ditado, um dia o Moacir ao conhecer uns diferentes cultivadores, isso de uns diferentes tipos de plantas, estes lhe iludindo, o acabaram persuadindo de que ele precisaria de arriscar cultivar igual assim como eles e outros mais, um outro tipo de planta. O Moacir na sua brandura, no seu romantismo, de cabeça, confiando em distintos vergéis, em diferente plantar e enflorar, com os falsos cultivadores se foi, e com eles principiou um diferente novo plantio.

Com constância, confiando se achar a semear agora sementeiras mais esplêndidas, mais promissoras, que iriam maravilhar ainda mais a todas as pessoas, baixando a cabeça, firme se conservou, em torno de quatro anos a disseminar as ditas sementes que lhes tinham posto em suas mãos.

Então em um esplêndido dia, olhando para trás, observou que de todas as sementes que havia semeado, os próprios que se diziam cultivadores e amigos, por cima das próprias tinham passado, e pisado sobre as escassas que haviam germinado, não se falando da maior parte que nem haviam vingado. Não tinha dado certo. Os cultivadores que ele havia conhecido, quase ou coisa nenhuma entendiam ou almejavam perceber sobre o plantio de uma boa semente. E o Moacir os tinha acompanhado, isto por um bom tempo, e por todos esses falsos, ele fora iludido nessa sua dessemelhante plantação.

Só bem mais tarde se dera conta de que se ajuntara a agricultores que escasso, ou coisa nenhuma sabiam ou distinguiam sobre a beleza e o bálsamo das enfloras. Tinha ele aprendido, isto sem se dar conta, junto a esses diferentes plantadores, a distinguir um bom plantio de um daninho, que era o do joio, de ervas daninhas, e outras menos prestantes plantas.

Então o Moacir, desiludido, agastado, com a sua sensibilidade e a sua educação, pediu licença a todos aqueles que o haviam chamado a participarem desse diferenciado tipo de cultivo, e os abandonando, acreditando até que entre tantos, determinados assim como ele, talvez igual estivessem a muito sendo iludidos nesse censurável convívio com os desleais agricultores de flores.

Então buscou retornar ao bom caminho que um dia tinha deixado para trás. Entretanto com lamentável decepção notou que tudo o que havia deixado plantado durante esses alongados tempos, ficado de lado, apesar de ainda por lá se acharem, mas por terem ficado muitos dias no abandono, parte ainda não havia desaparecido, e meio que ofuscado pelo tempo, ainda que em meio a uma densa neblina, mesmo assim em sua obscuridade continuavam a germinar.

Continuamente resoluto, sabendo o que em sua vida mais almejava, e mesmo estando a par de que desta vez, com esse novo reinicio tudo lhe seria, lhe iria ser bem mais difícil, ainda assim arregaçando as mangas, decidido retornou ao seu antigo e apropriado afazer.

As leiras que plantara antigamente, continuavam todas lá nos seus mesmos lugares, onde ele as havia deixado ficar. Ainda que um pouco no meio do mato, de lado, esquecidas, mas felizmente com suas raízes e algumas flores, mesmo um tanto desbotadas, mas vivas, a balançarem continuamente, em suas denotadas danças com os ventos.

Pessoas com discretas curiosidades passavam ao largo, outros de muito mais longe aguardavam, e ainda outros milhares, com nostalgias e saudades continuavam a recordar das suas flores, continuamente em suas buscas, incontidos, saudosos do seu admirável e desaparecido cultivador, e sem descanso continuavam a procurar, a aguardar o seu retorno.

Por mais incrível que se podia parecer, não havia nenhum desses seus admiradores o abandonado, esquecido as fragrâncias deixadas pelas flores que ele outrora tinha semeado, encravado, replantado, e mudas distribuído entre todos os que muito lhe amavam.

Então o Moacir com alento reiniciou tudo outra vez. Ele se encontrava cômico, sabia que mais uma vez teria que reiniciar. Todavia as dificuldades agora lhe pareciam maiores, e com o novo tempo que passava a dedicar as suas flores, sentia sobre os ombros um peso redobrado, isto por ter uma outra vez que retornar a reabrir o antigo caminho, o qual ele inconscientemente tinha deixado de lado, no desamparo.